

# Harlan Coben

60 milhões de livros vendidos no mundo

# SEM DEIXAR RASTROS

**MYRON BOLITAR** volta ao basquete  
profissional para investigar o desaparecimento  
de um antigo rival



**SEM DEIXAR RASTROS**

Título original: *Fade Away*  
Copyright © 1996 por Harlan Coben  
Copyright da tradução © 2012 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

*tradução:* Marcelo Mendes  
*preparo de originais:* Diogo Henriques  
*revisão:* Rafaella Lemos e Rebeca Bolite  
*projeto gráfico e diagramação:* Valéria Teixeira  
*capa:* Raul Fernandes  
*imagem de capa:* Andreas Overland / Trevillion Images  
*ebook:* Geográfica

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

---

C586s

Coben, Harlan, 1962-  
Sem deixar rastros [recurso eletrônico] / Harlan Coben [tradução de  
Marcelo Mendes]; São Paulo: Arqueiro, 2012.  
recurso digital

Tradução de: *Fade away*  
Formato: ePub  
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions  
Modo de acesso: World Wide Web  
ISBN 978-85-8041-107-2 (recurso eletrônico)

1. Mistério - Ficção. 2. Ficção americana. 3. Livros eletrônicos. I. Mendes,  
Marcelo. II. Título.

12-6959

CDD: 813  
CDU: 821.111(73)-3

---

Todos os direitos reservados, no Brasil, por  
Editora Arqueiro Ltda.  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br  
www.editoraarqueiro.com.br



# capítulo 1

– **P**OR FAVOR, PROCURE se comportar.

– Eu? – disse Myron. – Sou um amor de pessoa.

Myron Bolitar estava sendo conduzido ao longo de um dos corredores escuros do estádio de Meadowlands por Calvin Johnson, o novo diretor-geral dos Dragons de Nova Jersey. Os sapatos sociais dos dois ressoavam ruidosamente sobre o piso de cerâmica, ecoando através dos estandes vazios de sanduíches, *pretzels*, sorvete e lembrancinhas. Das paredes saía o cheirinho do cachorro-quente – meio emborrachado e artificial, porém nostalgicamente delicioso – vendido durante os jogos. O silêncio do lugar os perturbava: nada mais oco e sem vida do que um estádio vazio.

Calvin Johnson parou diante da porta de uma das tribunas de luxo.

– Você vai estranhar um pouco esta conversa – disse. – Procure dançar conforme a música.

– Tudo bem.

Calvin alcançou a maçaneta e respirou fundo.

– Clip Arnstein, o proprietário dos Dragons, está esperando por nós.

– E mesmo assim não estou tremendo – disse Myron.

Calvin Johnson balançou a cabeça.

– Comporte-se.

Myron apontou para o próprio peito.

– Vim de gravata e tudo.

Calvin enfim abriu a porta. A tribuna dava para a parte central da arena, onde vários funcionários colocavam o piso de basquete sobre o gelo do hóquei. Os Devils haviam jogado na véspera. Logo mais seria a vez dos Dragons. O lugar era aconchegante. Vinte e quatro cadeiras estofadas. Dois monitores de televisão. À direita se via o balcão de madeira sobre o qual eram servidas as comidas: em geral frango frito, cachorro-quente, bolinho de batata, coisas assim. À

esquerda, um frigobar e um carrinho de metal repleto de bebidas. O lugar também contava com um banheiro privativo, de modo que os cartolas não tivessem que urinar junto à ralé.

Clip Arnstein estava de pé e olhava para eles. Vestia um terno azul-marinho com gravata vermelha. Era calvo, com tufo grisalho sobre as orelhas. Um homem forte, ainda robusto, apesar de seus mais de 70 anos. As mãos grandes, salpicadas de manchas senis, exibiam veias azuladas que, de tão gordas, lembravam mangueiras de jardinagem. Por um bom tempo ele ficou onde estava, examinando Myron da cabeça aos pés.

– Gostou da gravata? – perguntou Myron.

Calvin Johnson o fulminou com um olhar de advertência.

O velho não se adiantou para cumprimentá-los; apenas disse:

– Com quantos anos está agora, Myron?

Um modo interessante de iniciar uma conversa.

– Trinta e dois.

– Tem jogado ultimamente?

– Pouco – respondeu Myron.

– Está em forma?

– Quer que eu faça umas flexões?

– Não será necessário.

Ninguém se sentou nem ofereceu uma cadeira aos recém-chegados. Naturalmente os únicos assentos disponíveis ali eram os fixos, que davam para a arena, mas ainda assim era estranho ficar de pé num encontro de natureza profissional. Myron aos poucos foi ficando inquieto, sem saber ao certo o que fazer com as mãos. Pescou uma caneta do paletó, mas não adiantou. Então enfiou as mãos nos bolsos e ficou naquela postura canhestra, afetando a displicência de um modelo de propaganda de moda.

– Myron, temos uma proposta interessante para lhe fazer – disse Arnstein.

– Proposta? – devolveu Myron, o incorrigível interrogador.

– Sim. Fui eu quem o recrutou, você sabe disso.

- Sei.
- Dez, 11 anos atrás. Quando eu ainda estava com os Celtics.
- Eu sei.
- Primeira bateria.
- Eu me lembro muito bem, Sr. Arnstein.
- Você era uma bela promessa, Myron. Um jogador inteligente.

Um toque inacreditável. Um poço de talento.

- “Eu poderia ter sido alguém” – disse Myron.

Arnstein franziu a testa numa careta que se tornara famosa ao longo dos seus mais de 50 anos dedicados ao basquete. A tal careta surgira na década de 1940, quando o jovem Clip ainda jogava com os Rochester Royals, hoje extintos. Tornara-se ainda mais conhecida depois que, já como técnico, ele conduziu os Boston Celtics à vitória em vários campeonatos. E foi alçada à condição de lenda após as famosas contratações feitas como presidente do time. Três anos antes, Clip havia se tornado o sócio majoritário dos Dragons de Nova Jersey, e a careta agora residia na East Rutherford, na altura da saída 16 da New Jersey Turnpike.

- O que é isto, Marlon Brando? – ele cuspiu, áspero.

- Estranho, não? É como se o próprio Marlon estivesse com a gente.

Subitamente, as feições de Clip relaxaram. Ele agora meneava a cabeça lentamente, fitando Myron com uma expressão paternal.

- Você brinca para esconder a dor – falou, sério. – Eu entendo.

- Posso lhe ser útil em alguma coisa, Sr. Arnstein?

- Você não chegou a participar de nenhum jogo profissional, chegou?

- O senhor sabe muito bem que não.

Clip mais uma vez meneou a cabeça.

- Seu primeiro jogo na pré-temporada – relembrou. – Terceiro quarto. Já havia marcado 18 pontos. Nada mal para um novato em seu primeiro amistoso. Foi então que o destino lhe pregou uma peça.

A peça do destino havia sido Burt Wesson, um grandalhão dos



Washington Bullets. Uma trombada violenta, uma dor lancinante, um apagão.

– Uma grande tragédia – arrematou Clip.

– Ahã.

– Nunca consegui aceitar o que aconteceu com você. Que desperdício.

Myron olhou de relance para Calvin Johnson, que olhava para o nada de braços cruzados, um lago plácido nas feições do rosto negro.

– Ahã – disse Myron novamente.

– Por isso eu gostaria de lhe dar uma nova chance.

Myron teve certeza de que tinha ouvido mal.

– Como é que é?

– Temos uma vaga no time. Gostaria de contratá-lo.

Myron esperou um instante. Olhou para Clip, depois para Calvin. Nenhum dos dois estava rindo.

– Cadê? – perguntou ele.

– Cadê o quê?

– A câmera. É um daqueles programas de pegadinha da TV, não é?

– Não é pegadinha nenhuma, Myron.

– Só pode ser, Sr. Arnstein. Faz 10 anos que não participo de um torneio de basquete. Fraturei o joelho, lembra?

– Tudo bem. Mas, como você mesmo disse, isso foi há 10 anos. Sei que conseguiu recuperar seu joelho depois da cirurgia e de muita fisioterapia.

– Então deve saber também que tentei voltar a jogar. Sete anos atrás. Mas o joelho não aguentou.

– Ainda era muito cedo – argumentou Clip. – E você acabou de dizer que voltou a jogar.

– Partidas de fim de semana. Um pouquinho diferente da NBA...

Clip desqualificou o argumento com um gesto de mão e disse:

– Você está em plena forma. Até se ofereceu para fazer flexões.

Myron apertou as pálpebras, correndo os olhos de Clip para Calvin Johnson, e novamente para Clip. Ambos exibiam uma expressão

neutra.

– Por que tenho a sensação de que vocês estão escondendo alguma coisa?

Clip finalmente sorriu e olhou para Calvin, que se viu obrigado a fabricar um sorriso também.

– Talvez eu devesse ser menos... – Clip buscou a palavra certa – vago.

– Seria ótimo.

– Quero você no meu time. Não importa se vai jogar ou não.

Myron novamente ficou esperando por alguma luz. Vendo que nenhuma viria, disse:

– Ainda um tanto vago.

Clip exalou um longo suspiro. Caminhou até o frigobar e de lá retirou uma caixinha de achocolatado. Havia um estoque na geladeira. Hum. Ele havia se preparado.

– Você ainda gosta desta porcaria?

– Gosto – disse Myron.

Clip arremessou a caixinha para ele e encheu dois copos com algo que derramou de um decantador. Depois de entregar um dos copos a Calvin, apontou para as cadeiras diante da vidraça. Perfeitas. Exatamente na linha central da arena. E com um razoável espaço para as pernas. Mesmo Calvin, que tinha mais de dois metros, podia se espichar um pouco. Os três se sentaram lado a lado, todos virados para a arena, o que ainda era estranho. Numa reunião de negócios as pessoas geralmente se sentam de frente umas para as outras, ao redor de uma mesa. Mas ali eles estavam ombro a ombro, olhando para a equipe que afixava o tablado.

– Saúde – brindou Clip, e bebeu um gole de uísque.

Calvin Johnson apenas ergueu seu copo. Myron, obedecendo às instruções do fabricante, agitou a caixinha.

– Se não estou enganado – prosseguiu Clip –, você agora é advogado.

– Sou membro da Ordem – falou Myron –, mas raramente preciso



advogar.

– Agencia atletas, não é?

– É.

– Não confio em agentes – disse Clip.

– Nem eu.

– De modo geral são uns sanguessugas.

– Preferimos o termo “entidades parasitas” – disse Myron. – É mais politicamente correto.

Clip Arnstein se inclinou para a frente e cravou os olhos em Myron.

– Como vou saber se posso confiar em você?

Myron apontou para si mesmo.

– Minha testa. Está escrito nela que sou uma pessoa confiável.

– Tudo bem.

– Você me dá sua palavra de que nossa conversa não sairá desta sala?

– Dou.

Clip hesitou um instante. Olhou para Calvin Jonhson, reacomodou-se na cadeira e por fim disse:

– Você conhece Greg Downing, claro.

Claro que Myron conhecia Greg Downing. A rivalidade entre os dois se instalara logo no primeiro jogo de um campeonato municipal em que eles haviam se confrontado, ainda no ensino fundamental, a menos de 20 quilômetros de onde Myron estava agora. No ensino médio, Greg se mudara com a família para a cidade vizinha de Essex Falls, pois o pai não queria ver o filho dividindo a ribalta do basquete com Myron. Foi então que a rivalidade entre os garotos tomou novas proporções. Ao longo do ensino médio, ambos se enfrentaram oito vezes, cada um vencendo quatro jogos. Myron e Greg haviam se tornado os atletas mais cobiçados de Nova Jersey, e depois ingressaram em universidades com times fortes de basquete e um longo histórico de rivalidade: Myron na Duke e Greg na Universidade da Carolina do Norte.

Nos anos de faculdade, dividiram duas capas da *Sports Illustrated*. Suas equipes haviam vencido duas vezes o campeonato da Costa Leste, mas Myron vencera um campeonato nacional. Tanto ele quanto Greg foram incluídos pela crítica especializada na lista de melhores armadores do basquete universitário. Até a formatura, a Duke e a Universidade da Carolina do Norte se enfrentaram 12 vezes, com oito vitórias para a equipe de Myron. À época dos recrutamentos para a NBA, ambos foram escolhidos logo na primeira bateria.

A rivalidade atingiu seu ápice.

No entanto, a carreira de Myron chegou ao fim quando ele trombou com o gigante Burt Wesson. Greg Downing, por sua vez, escapou das garras do destino para se tornar um dos principais armadores da NBA. Durante a carreira de 10 anos com os Dragons de Nova Jersey, foi convocado oito vezes para a equipe “All-Star” americana. Por duas vezes foi o jogador com o maior número de cestas de três pontos; por quatro, o jogador com o maior aproveitamento de lances livres; e por uma, o jogador com o maior número de assistências. Estampou a capa de três edições da *Sports Illustrated* e venceu um campeonato da NBA.

– Sim, conheço Greg – respondeu Myron.

– Vocês se falam com frequência? – perguntou Clip Arnstein.

– Não.

– Quando foi a última vez que se falaram?

– Não lembro.

– Nos últimos dias?

– Acho que faz 10 anos que não falo com Greg.

– Ah – disse Clip, e deu mais um gole no uísque. Calvin ainda não havia tocado no seu. – Bem, você deve ter ouvido sobre a contusão dele.

– Alguma coisa no tornozelo, não é? – falou Myron. – Coisa de rotina. Pelo que sei, ele está afastado, em recuperação.

Clip fez que sim com a cabeça.

– Essa é a história que passamos para a mídia. Mas não é exatamente a verdade.

– Ah, não?

– Greg não se contundiu – revelou Clip. – Ele desapareceu.

– Desapareceu? – De novo o incorrigível interrogador.

– Sim. – Clip deu mais um gole. Myron também bebeu um pouco do achocolatado, embora sua vontade fosse sorvê-lo até o fim.

– Desde quando? – perguntou.

– Faz cinco dias.

Myron olhou para Calvin, que permanecia impassível. Mas assim era o rosto dele. Nos tempos em que jogava, tinha o apelido de Geleira, pois raramente demonstrava alguma emoção. Ainda fazia jus ao nome.

Myron fez nova tentativa:

– Quando você diz que Greg “desapareceu”...

– Sumiu do mapa sem deixar rastros – disse Clip. – Escafedeu-se.

Chame como quiser...

– Vocês avisaram à polícia?

– Não.

– Por que não?

Clip novamente fez um sinal com a mão.

– Você conhece o Greg. Ele não é nada convencional.

A obviedade do milênio.

– Nunca faz o que se espera dele – prosseguiu Clip. – Detesta a fama que conquistou. Gosta de ficar sozinho. Inclusive já sumiu outras vezes no passado, mas nunca durante a fase final do campeonato.

– E daí?

– E daí que há uma grande probabilidade de que ele esteja apenas sendo o esquisitão de sempre – disse Clip. – Greg arremessa como ninguém, mas verdade seja dita: está a dois passos da demência. Sabe o que ele faz depois dos jogos?

Myron negou com um aceno de cabeça.



– Dirige um táxi na cidade. Isso mesmo que você ouviu: a porcaria de um táxi amarelo em Manhattan. Diz que é para se aproximar das pessoas comuns. Greg não comparece a nenhum evento público. Não faz publicidade nem dá entrevistas. Nem sequer contribui com alguma causa filantrópica. E o jeito que ele se veste? Parece um personagem de um daqueles seriados da década de 1970. O cara é um louco de pedra.

– O que o torna ainda mais popular entre os fãs – observou Myron.

– E portanto vende mais ingressos.

– Concordo – disse Clip –, mas isso só corrobora a minha tese. Chamar a polícia traria enormes prejuízos não só para o próprio Greg, mas para a equipe inteira. Você pode muito bem imaginar o circo que a mídia faria com uma história dessas, não?

– Seria um horror – admitiu Myron.

– Exatamente. Mas e se ele estiver apenas dando um tempo em French Lick, ou em qualquer outro buraco onde costuma se enfiar durante as férias, pescando ou fazendo sei lá o quê? Meu Deus, a novela não teria mais fim. Por outro lado, suponhamos que ele tenha aprontado alguma.

– Aprontado alguma? – repetiu Myron.

– Sei lá. É apenas uma suposição. Mas não preciso de um maldito escândalo nessa altura do campeonato. Não com as finais se aproximando, entende?

Myron não entendia, mas deixou passar.

– Quem mais sabe dessa história? – perguntou.

– Só nós três.

Os funcionários do estádio já armavam as cestas. Havia um par adicional para o caso de alguém quebrar a tabela. Como a maioria dos estádios, o Meadowlands de Nova Jersey dispunha de mais assentos para o basquete que para o hóquei – no caso, mil assentos a mais. Myron deu outro gole no achocolatado e deixou que o líquido escorresse lentamente garganta abaixo. Só então fez a pergunta óbvia:

– E eu, onde entro nisso?

Clip hesitou antes de responder. Respirava com certa dificuldade, quase ofegando.

– Sei alguma coisa sobre o seu passado no FBI – disse afinal. – Nenhum detalhe, claro. Apenas coisas vagas, mas o bastante para saber que você tem alguma experiência. Queremos que você encontre o Greg. Na surdina.

Myron não disse nada. Ao que parecia, seu passado de “agente secreto” não tinha absolutamente nada de secreto. Clip deu um gole em sua bebida, olhou para o copo cheio de Calvin e depois para o próprio Calvin, que finalmente provou o uísque. Voltando a atenção para Myron, continuou:

– Greg agora é divorciado. A bem da verdade, é um solitário. Todos os amigos dele... ou melhor, todos os conhecidos, são os companheiros de equipe, que funcionam como uma espécie de grupo de apoio, por assim dizer. São a família dele. Se alguém souber onde ele está... e se alguém estiver ajudando Greg a se esconder, só pode ser um dos Dragons. Vou ser honesto com você: esses caras são um pé no saco. Um bando de mimadinhos que acham que nosso único objetivo na vida é servi-los. Mas todos têm uma coisa em comum: veem os cartolas como inimigos. “Nós contra o mundo”, esse tipo de bobagem. Nunca nos dizem a verdade. Nem aos jornalistas. E se você tentar se aproximar deles como, digamos, uma “entidade parasita”, também não vai ouvir a verdade. O único jeito é se tornar um deles. Um jogador. Só um jogador terá alguma chance de soltar a língua deles.

– Então você quer que eu entre na equipe para encontrar o Greg?

Myron ouviu na própria voz os ecos de sua dor, que vieram à tona contra a sua vontade. Percebendo que os outros dois tinham reparado nisso, corou de vergonha.

Clip tocou-o no ombro.

– Myron, fui sincero quando disse que você poderia ter sido um grande jogador. Um dos melhores.

Myron deu um grande gole no achocolatado; estava farto dos

golinhos.

– Desculpe-me, Sr. Arnstein. Não vou poder ajudá-lo.

O cenho franzido novamente deu o ar de sua graça no rosto de Clip.

– Não?

– Tenho uma vida. Agencio atletas. Tenho clientes que precisam dos meus cuidados. Não posso abandonar tudo de uma hora para outra.

– Você vai ganhar a remuneração mínima dos jogadores, proporcional à sua participação na temporada. Ou seja, cerca de 200 mil dólares. E só faltam algumas semanas para as finais. Até lá vamos mantê-lo no time, aconteça o que acontecer.

– Não. Meus dias de jogador acabaram. Além do mais, não sou nenhum detetive particular.

– Mas precisamos encontrar o Greg. É possível que ele esteja correndo algum perigo.

– Sinto muito. Minha resposta é não.

Clip sorriu.

– E se colocarmos mais algum docinho na sua boca?

– Não.

– Um bônus de 50 mil.

– Desculpe.

– Mesmo que Greg dê as caras amanhã, você receberá seu bônus. Cinquenta mil pratas. Mais uma porcentagem da renda das finais.

– Não.

Clip se recostou na cadeira. Olhando fixamente para o uísque, afundou nele o indicador e remexeu o líquido. Displicentemente, falou:

– Você falou que agencia atletas, certo?

– Certo.

– Sou muito amigo dos pais de três garotos que vão ser recrutados na primeira bateria. Sabia disso?

– Não.



– Suponhamos – disse Clip lentamente – que eu prometa a você um contrato com um desses garotos.

Myron ficou subitamente interessado. Um contrato com um atleta recrutado logo na primeira bateria de convocações. Tentou manter a calma, dar uma de Geleira, mas seu coração retumbava no peito.

– Como pode me prometer uma coisa dessas?

– Confie em mim.

– Não me parece muito ético.

Clip deu um risinho de escárnio.

– Myron, não vá querer bancar o santo comigo agora. Você me presta esse pequeno serviço, e a MB Representações Esportivas ganha seu primeiro contrato com um atleta de primeira bateria. Dou minha palavra. Seja lá qual for o desfecho dessa história com o Greg.

MB Representações Esportivas. A agência de Myron. Myron Bolitar. Daí o MB. Uma agência de representação de atletas. Daí o Representações Esportivas. Somando uma coisa a outra: MB Representações Esportivas. O próprio Myron havia cunhado o nome, mas até então nenhuma agência de publicidade havia requisitado seus talentos criativos.

– Cem mil dólares de bônus logo na contratação – contrapôs ele.

Clip sorriu.

– Você aprendeu direitinho, Myron.

Myron deu de ombros.

– Setenta e cinco mil – ofereceu Clip. – E você vai aceitar. Sou macaco velho, não perca seu tempo tentando me passar a perna.

O acordo foi selado com um aperto de mãos.

– Tenho mais algumas perguntas quanto ao sumiço de Greg – disse Myron.

Apoiando-se nos dois braços da cadeira, Clip ficou de pé e se pôs diante dele.

– Calvin lhe dará todas as respostas – falou, apontando o queixo na direção do diretor-geral. – Agora preciso ir.

– Então, quando você quer que eu comece a treinar?

Clip pareceu surpreso com a pergunta.

– Treinar?

– É. Quando você quer que eu comece?

– Temos um jogo hoje à noite.

– Hoje à noite?

– Sim.

– Quer que eu jogue ainda hoje?

– Contra um dos nossos velhos adversários, os Celtics. Calvin providenciará seu uniforme a tempo. Coletiva com a imprensa às seis horas para anunciar a contratação. Não se atrase. – Clip foi saindo rumo à porta. – E use essa gravata. Gostei dela.

– Hoje à noite? – repetiu Myron, mas Clip já havia saído.

## capítulo 2

**A**SSIM QUE CLIP DEIXOU a tribuna, Calvin Johnson se permitiu um discreto sorriso.

- Falei que seria estranho, não falei?
- Estranho é pouco – concordou Myron.
- Já terminou seu achocolatado?

Myron jogou a caixinha fora.

- Já.
- Então venha. Precisamos nos preparar para a grande estreia.

Calvin Johnson andava com desenvoltura, o tronco ereto. Era negro, magérrimo e muito alto (2,07m), mas não tinha um corpo desproporcional nem era desengonçado. Estava usando um terno cinza da Brooks Brothers, de corte perfeito. O nó da gravata também era perfeito, assim como o lustro dos sapatos. Os cabelos muito crespos começavam a retroceder, deixando a testa um tanto grande e brilhante demais. Quando Myron se matriculou na Duke, Calvin já cursava o último ano na Universidade da Carolina do Norte. Portanto tinha uns 35 anos, embora parecesse mais velho. Tivera uma bela trajetória no basquete profissional ao longo de 11 temporadas. Ao se aposentar, três anos antes, todos sabiam que seguiria o caminho da administração esportiva. Começara como técnico-assistente, passara a gerente de elenco e recentemente fora promovido a vice-presidente e diretor-geral dos Dragons de Nova Jersey. Apenas títulos, porém. Era Clip quem comandava o circo. Diretores-gerais, vice-presidentes, gerentes de elenco, preparadores físicos e até mesmo técnicos, todos se dobravam às vontades dele.

– Espero que você leve numa boa essa sua nova missão – disse Calvin.

- E por que não levaria?



Calvin deu de ombros:

– Já joguei contra você.

– E daí?

– E daí que você é um dos filhos da puta mais competitivos que já tive que enfrentar em campo – respondeu Calvin. – Pisaria na cabeça de alguém se isso fosse necessário para vencer. E agora vai esquentar a bunda num banco de reservas. Então, como é que vai ser?

– Não vai ser problema algum.

– Ahã.

– Amoleci ao longo dos anos.

Calvin balançou a cabeça.

– Duvido.

– Duvida?

– Pode achar que amoleceu. Talvez até achar que tirou o basquete da cabeça.

– E tirei mesmo.

Calvin parou, sorriu, espalmou as mãos.

– Claro que sim. Basta olhar para você, Myron. Você poderia muito bem estampar o pôster do que deveria ser a pós-vida de um atleta. Um belo exemplo para qualquer esportista. Sua carreira inteira desabou diante dos seus olhos, mas você enfrentou o desafio. Voltou para a faculdade... Para a faculdade de Direito de Harvard, ainda por cima. Abriu seu próprio negócio, uma agência de representação de atletas em franco crescimento... Ainda está namorando aquela escritora?

Ele estava falando de Jessica. Embora o relacionamento com ela andasse sempre na corda bamba, Myron respondeu:

– Estou.

– Então. Você conseguiu seu diploma, sua empresa e uma namorada bonita. No aspecto exterior parece um homem plenamente feliz e equilibrado.

– No aspecto interior também.

Calvin balançou a cabeça.